

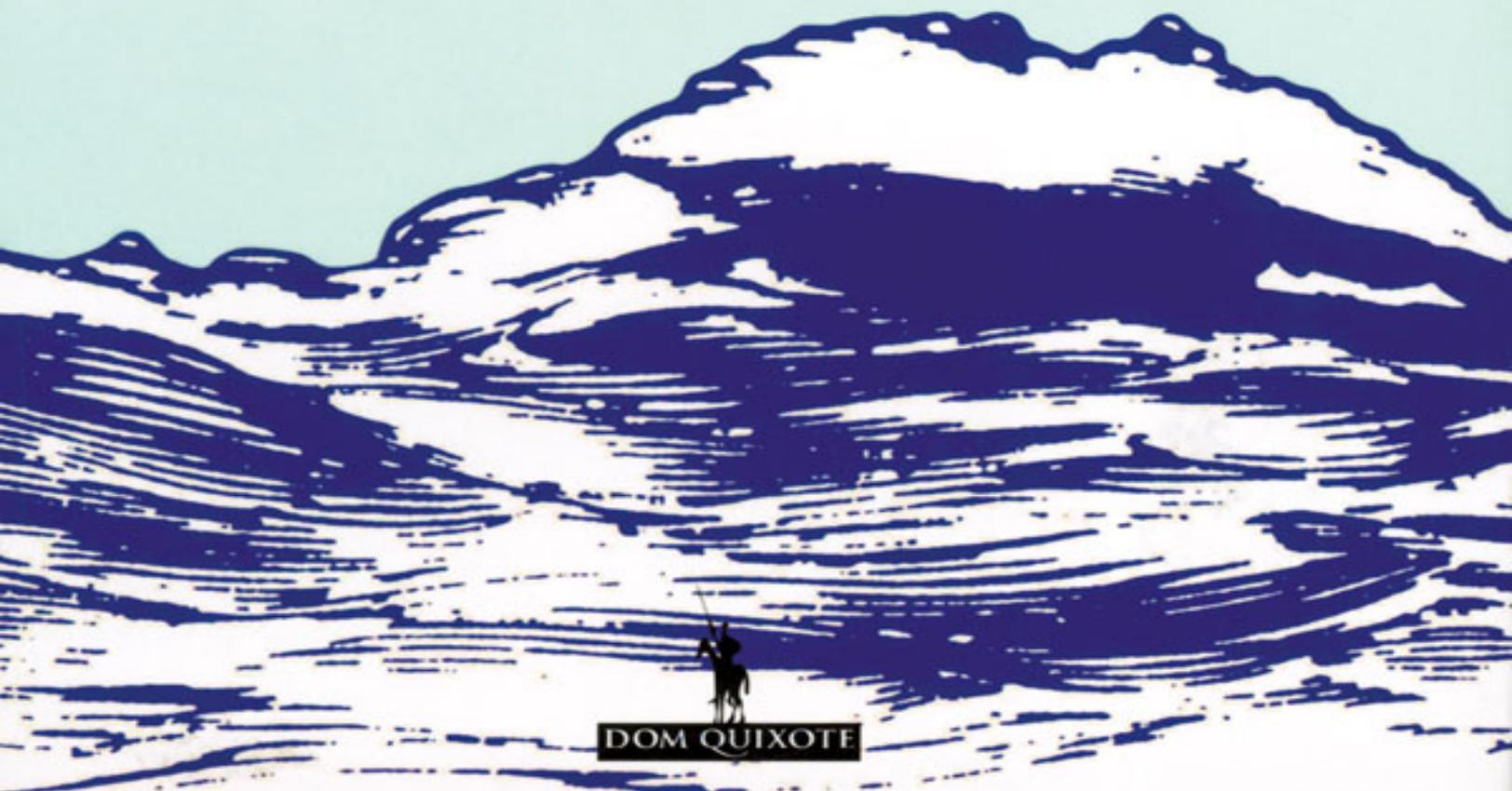
2.ª edição



# Lídia Jorge

## O Belo Adormecido

Contos



DOM QUIXOTE

# Ficha Técnica

Título: O Belo Adormecido - Contos

Autor: Lídia Jorge

Capa: Atelier Henrique Cayatte com a colaboração de Rita Múrias

Revisão: Francisco Paiva Boléo

ISBN: 9789722042239

Publicações Dom Quixote

[Uma chancela do grupo Leya]

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2004, Lídia Jorge

e Publicações Dom Quixote

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

[www.dquixote.leya.com](http://www.dquixote.leya.com)

[www.leya.pt](http://www.leya.pt)

*São necessárias várias vidas para fazer uma só pessoa.*

CARLOS FUENTES

# O BELO ADORMECIDO

Aquilo que vi em primeiro lugar não foi propriamente o homem, mas o seu malote, um prisma de cabedal impecável com seu fecho de metal dourado e sua asa espessa, abandonado no chão, e um saco porta-fatos do mesmo material estendido sobre uma cadeira. Só depois compreenderia que a pessoa que se encontrava de costas, sentada no meio desses pertences de luxo, era o grandalhão. Isto significava que eu estava chegando ao hotel com uma hora de avanço, e que ele ainda havia chegado primeiro, o que não deixava de ser embaraçoso. Comecei então a consultar o relógio e a agenda, pensando que o rumor que fazia atrás de si fosse suficiente para que se virasse e me visse, e acto contínuo se iniciasse ali o encontro. Mas tal não aconteceu. Percebi também que a sua cabeça, pousada no rebordo do sofá, descaía para o lado direito, e alguma coisa mais do que propriamente a postura do corpo imóvel me dizia que o homem estava dormindo. Talvez fosse a intensa cor das orelhas. À luz clara que se derramava pelo interior do *foyer*, os seus lóbulos não só estavam sanguíneos como pareciam ter adquirido naquele lugar umas proporções desmedidas. Era possível que esse pormenor da sua fisionomia me tivesse escapado de todo, uma vez que eu sempre o vira com chapéu, e no momento em que tal não acontecera e havíamos trocado palavras, a emoção dominava-nos por completo, ninguém tinha visto ninguém.

E contudo eu havia fixado outros pormenores. Podia até jurar que se desse a volta ao Salão e me colocasse na sua frente, iria encontrar um rosto ruborizado, a bochecha um tanto flácida amparada pela mão, um bigode estreito como

um traço a tinta-da-china contornando a comissura do lábio, um pouco tombado para o lado pela inclinação da cabeça. Mas a ciência sobre o seu rosto não me provinha apenas do momento de exceção durante o qual nos havíamos cruzado, provinha antes dos quinze dias de proximidade forçada em que fôramos obrigados a partilhar os mesmos espaços. Assim, eu tinha a certeza de que o homem corpulento que dormia, ou pelo menos dormitava, de costas para a porta da Recepção, apresentava os olhos cansados, as pálpebras glabras inchadas, e o cabelo, já um pouco grisalho nas têmporas, suficientemente desalinhado, por efeito da viagem rápida. E no entanto, não seria eu quem o iria acordar.

Para dizer a verdade, nem sequer lhe conhecia o nome ou ouvira o seu apelido. O homem havia tido o cuidado de jamais se identificar, jamais referir o local a partir do qual telefonava. As indicações que vagamente me havia dado sobre as horas do voo que condicionariam o nosso encontro, tanto poderiam indicar que o fazia a partir de Bruxelas como de Estrasburgo ou Berlim. Sabia apenas que era mais ou menos por ali, a partir dessa parte metrificada da Terra, que ele voaria. De resto, eu só tinha podido concluir que o homem iria viajar de propósito, que o avião fazia escala em Londres, e que lhe convinha que nos encontrássemos naquele preciso hotel, tendo demonstrado uma extraordinária urgência por que tudo acontecesse com a maior brevidade possível. Como se à medida que o Outono se aproximava, alguém ficasse em perigo de morrer, ou se corresse o risco de algum sinal importante para sempre se apagar. Como se alguma coisa ainda pudesse ser arrancada à areia, ou uma parte do que fora perdido pudesse ser recuperada. Eu própria fora contaminada por essa ideia do *alguma coisa ainda remediável*, e a prova é que tinha

almoçado à pressa no *snack-bar* do Teatro ouvindo o meu colega Martim esbracejar contra os poderes públicos, e sentindo-me incapaz de compatibilizar a expressão dramática dos seus descontentamentos com a expectativa da entrevista marcada, havia começado a subir a Avenida da Liberdade demasiado cedo, pensando poder mergulhar por antecipação na matéria do encontro. E agora, por ironia, ali estava eu no meio do Salão do Ritz, com o meu interlocutor dormindo.

Felizmente que a partir do Bar era possível vigiar-lhe o sono, seguir-lhe os movimentos, quando se levantasse. Não o nego, o teor daquilo que iria ser a nossa conversa inquietava-me.

Pois o que iria o homem corpulento querer saber através da minha pessoa? O que iria perguntar? Teria uma proposta para me fazer? Ou pelo contrário, queria ele revelar um segredo, proceder a uma explicação, ou contar simplesmente algum episódio relacionado com o acontecimento na praia? A verificar-se esta segunda hipótese, tudo seria bem simples. O homem abriria os olhos, viria na minha direcção, tomaria alento e eu ouviria da sua boca uma confissão proferida em surdina. Situação banal. Nesse caso, o grandalhão traria consigo um drama e entorná-lo-ia simplesmente diante do meu regaço, após o que partiria aliviado, deixando o seu pote de fezes depositado entre os cristais do salão e os mármorees da entrada. Depois iria retomar o avião em direcção a uma cidade incógnita, com passagem obrigatória por Heathrow, e o encontro teria terminado. Poderia ser. Mas se por acaso fosse o contrário, e aquele homem pretendesse sobretudo arrancar da minha pessoa algumas informações, então

voltaríamos ao início da questão — O que poderia eu contar-lhe? Saberá eu de algum detalhe que lhe fosse útil? Poderia eu esclarecer alguma dúvida que tivesse sobejado daquele processo? Para que serviria o meu testemunho?

Pelo meu lado, tinha sido tão colateral a minha participação, tão fortuita, e ao mesmo tempo tão previsível, que por certo o homem grande haveria de se arrepender de ter estragado um dos seus dias úteis com uma viagem de ida e volta para nada. Era bem possível que ele estivesse a imaginar o contrário. Ao longo daqueles seis meses, poderia ter suposto que não era por acaso que eu me encontrava dentro do bangaló, poderia ter imaginado uma conjura, poderia ter fantasiado que eu lá tivesse sido introduzida como espia. Ou de forma mais imaterial, que eu tivesse sido enviada por uma força misteriosa para criar o mal, ou fosse eu mesma a encarnação do próprio Mal. Nunca se sabe o que uma outra pessoa pensa. Mas se acaso assim fosse, o homem estaria redondamente enganado. Encontrava-me naquele lugar, pela razão simples de que na altura um bangaló isolado, com uma praia em frente, tinha-me parecido o sítio ideal para aplicar o programa de recuperação selvagem que me havia imposto.

Melhor dizendo, encontrava-me naquele lugar, por motivos de ordem pessoal, motivos íntimos e profissionais, unidos num só objectivo e tendo em vista uma única finalidade. Muito em concreto, eu estava perante o desafio de ter de perder dez quilos no corpo, cinco papos no rosto, vinte anos de idade, ganhar mais brilho na pele, menos volume no pescoço, e outras modificações indizíveis, tudo isso duma vez só, em pouco mais de dois meses. Acontece na vida dos actores, mesmo aqueles cuja intimidade não se torna matéria universal da intriga dos magazines. Acontece. Tudo isso porque me tinham proposto e eu havia aceitado

desempenhar o papel do único personagem colhido da Literatura, que vive durante vários séculos, que a meio do percurso muda de sexo, modos, trejeitos e fatos, meios de transportes e palácios, e procede a todas essas mudanças através de um *striptease* mental mirabolante, praticado diante dos olhos de toda a gente. Isto é, eu iria ser *Orlando*, ele mesmo. Para tanto, eu precisava duma cintura flexível, umas pernas escanzeladas, os braços soltos das espáduas, a fim de poder fazer passos de dança e voar no palco. Exigências que nada tinham de anormal.

Sucedera simplesmente que a Isabelle Huppert havia passado por Lisboa a desempenhar essa figura lendária de homem mulher, no meio de luzes azuis e de portas frias, o espectáculo havia sido um sucesso, e por puro decalque e *imitatio*, tinham-me proposto interpretá-lo no rasto da sua peugada. Apesar de tudo, uma oportunidade rara. Consta que em matéria de actrizes nacionais o encenador tinha olhado à volta e havia encontrado o deserto. Depois havia examinado uns retratos e havia vislumbrado na minha figura a única possibilidade de concretizar o seu sonho. A única exequível. Claro que não era verdade. Se eu tivesse recusado, a produção disporia pelo menos de mais quatro ou cinco. De entre elas, aquela que aceitasse seria a única. A única possibilidade depois de Tilda Swinton no écran, e de Isabelle Huppert no palco. Ser-se *único*, como se sabe, é estatuto que dá a volta à cabeça de qualquer um. O facto de uma outra passar a ser *a única*, em vez de nós mesmas, significa começarmos a desaparecer devagarinho, ainda que não se queira. Olhei-me ao espelho, aceitei. Acto imediato, passei a mão pelo meu corpo, e achei que não havia tempo a perder. No dia seguinte comecei a telefonar para várias organizações de transporte e viagem, aquelas que detêm ao fundo das linhas todo o género de paraísos perfeitos, e

alguns desses operadores da felicidade alheia consultaram os cardápios, e logo nessa noite as coisas aconteceram. Encontrava-me eu no camarim, a cinco minutos de me acercar do palco, quando me vieram depositar no colo um molho de propaganda. Na capa de um desses prospectos havia uma fotografia de sonho, daquelas que estão pedindo uma moldura de acrílico para se pôr no lavabo da entrada. A fotografia reproduzia uma casinha térrea envolta em seu madeirame, totalmente isolada, e uma palmeira ao lado inclinava-se-lhe por cima, em forma de vírgula. Obtive também a informação grata de que o local estava deserto, que um guarda vigiaria a zona, e de resto a estação era tão baixa que para aquelas datas não havia qualquer outra reserva feita. Isso significava que eu poderia agarrar os benefícios da Natureza todos só para mim, recolhê-los, convertê-los a favor da minha renascença e tudo isso poderia acontecer na Falésia Roca, um belo pedaço de costa com o Oceano a bater em frente. Uma promessa de isolamento completo, um amparo total. E de facto, quinze dias volvidos, à saída do avião, esperava-me uma viatura de trinta lugares para conduzir a minha solitária pessoa através duma estrada estreita, serpenteando por entre pinheiros mansos.

Isso eu poderia explicar ao homem que descansava no Salão do Ritz, se acaso duvidasse da coincidência.

Sim, cheguei numa tarde de Março, imaginando que tinha pela frente um pedaço da Terra transformada em clínica, mas a pessoa quase muda que me indicou o caminho através do sol-posto, trazia consigo a chave, rodou-a na fechadura e eu pude verificar que o bangaló que me fora destinado não era uma casa isolada com uma palmeira em

forma de vírgula a cair-lhe por cima. Era uma porta e uma janela, no meio de um renque de dez portas e dez janelas unidas, e esse renque ficava entre outras duas fileiras idênticas, como se um vento monumental tivesse depositado ali três carruagens sucessivas de casinhas indivisíveis. Uma série industrial. Uma construção de nada. Lá dentro, a mão estendida tocava o tecto. Por respeito aos nórdicos que ali pudessem pernoitar, deveria haver em cada uma daquelas minúsculas moradias, um azulejo que dissesse *Cuidado com as Telhas*, como nas vivendas guardadas se encontra à entrada *Cuidado com o Cão*. No exterior, ao nível do solo, onde eu suporia que houvesse areia, havia relva, dois guardanapos dela, um à frente outro atrás, e uns poitos de cimento para guarda-sóis, dispersos aqui e além. A realidade começava a inspirar-me raciocínios cínicos. Seria que a cada ocupante de uma daquelas moradias assistia o direito de desfrutar de um quarto de relva, um quarto de sombra, um quarto de poito?

Uma pessoa sabe, no entanto, que não se pode deixar envolver pela violência das suas próprias palavras. Afinal lá fora existia uma falésia verdadeira, um pinhal de árvores com copa e raiz, e uma longa praia de areia a unir dois pontos cardeais. O teatro ensina que seremos feitos para oscilar entre o grande e o exíguo, como se tivéssemos dois corpos. Um deles que se encobre e disfarça, se curva sobre si mesmo até se aninhar entre um robe e uma lareira, e um outro, aquele que nem com o rasto dos Planetas se contenta. Lá fora existia o simulacro disso mesmo, a lonjura criada pela mistura da luz e da água, de propósito para agradar ao ser grande, e ali dentro, o telhado caindo rente aos móveis, concebido expressamente para o ser pequeno. Perfeito. Foi assim que durante essa primeira noite, dormi doze horas de um silêncio mortal.

Mas como deve acontecer na morte, no meio do silêncio, havia uns pássaros que chilreavam e o som contíguo do mar. No dia anterior, perante o meu descontentamento, a pessoa muda havia continuado a garantir que eu era a única ocupante daquele espaço. Que poderia viver por ali inteiramente à vontade, que ninguém me veria, eu não veria ninguém. A época não era baixa, era baixíssima, o guarda rondava longe, a refeição quente ser-me-ia deixada no portal. Perfeito, perfeito. Eu tinha-lhe colocado no fundo da algibeira o correspondente a cinco euros por ter pronunciado tantas palavras de seguida e ainda me ter olhado, e ter-me dito — «Conheço-a, já a vi em qualquer parte...» E logo de seguida, a mulher abalara contente.

Devo dizer que sobre a mesa, nesse momento, já se encontrava o saco repleto de embalagens contendo os tónicos, os estimulantes, os circulatórios e os expurgatórios, extractos de jardins completos, vários pomares rescendentes, toda uma floresta inteira, produtos mágicos captados em forma de pílulas, e tudo para o meu bem. A bem do meu corpo em transformação. Na parede, iria pendurar o calendário com o programa tirano que me havia imposto. As fotografias da Huppert e da Tilda Swinton, essas não estavam à vista, mas existiam dispostas na minha cabeça como metas numa assombração fatal. Eu sei que a luta por objectivos inalcançáveis tem tanto de heróico como de burlesco, mas o próprio teatro ensina que lutar desse modo indecoroso, por vezes, é a única forma de se alcançar o melhor de nós mesmos. Claro que não era a primeira vez que eu acordava a desoras, numa profissão que por natureza inverte os dias e as noites. Mesmo assim, nesse primeiro dia, pratiquei ginástica, corrida, transpiração, duche, relaxe. No final, retirei a roupa do corpo e expus-me

ao sol da tarde de Março, sem nada por cima. Quando caiu a noite, entreguei-me de novo ao sono reparador. Porém, pode acontecer que durante os sonos mortais não se ouça apenas o som dos pássaros, mas também a batida de porta de carros. Paf, paf, no meio do sono mortal. Segundo dia, segundo acordar. Era uma hora da tarde. Abri a janela. Mesmo em frente, alongadas sobre o passeio que separava os dois renques de relva, quatro viaturas estavam estacionadas.

Como era possível? — Carros, objectos de metal, meios de transporte concretos, palpáveis, tinham-se introduzido na minha morada? O meu sonho de isolamento terapêutico havia terminado.

Levantei o telefone, liguei à recepção, um local invisível que deveria ter sede no interior do pinhal. Quando me atenderam, tive de me sentar na beira da cama para não cair, cheia de ódio e de raiva. Sobre o alvoroço desse dia, não terei problemas em dizer que Berta Helena é uma mulher de amores e de ódios, de penas e de raivas, sentimentos extremos, cinza e brasas misturadas, e que ela mesma sou eu. Então gritei ao telefone, tão alto quanto pude, que naquele preciso momento me encontrava diante duma coisa imunda, uma situação inaceitável. Pois quatro carros estavam parados em cima da minha relva, com os pára-choques apontados directamente para a minha cara, alinhados como se fossem invadir-me em conjunto. Disse também que não era verdade que eu quisesse ficar com a estância toda só para mim, como estavam a sugerir do lado de lá, mas existindo vinte e nove bangalós vagos, não aceitava que viessem alojar um monte de pessoas em frente da minha porta, face ao compromisso que haviam

estabelecido comigo. Por fim, gritei — «Faltaram à vossa palavra, quero mudar, agora e já...»

Mas era Março, não podia mudar.

Quem falava do lado de lá dizia que era imutável, como se a reserva tivesse sido feita por divindades ao serviço dos Fados. Só depois de muita insistência me deram a devida explicação. Das trinta habitações, vinte e duas careciam de obras amplas e três de reparação urgente. Nessa contabilidade deficitária, apenas haviam sobejado cinco habitações disponíveis. Cinco. A minha reserva havia sido feita já depois do compromisso tomado com as pessoas chegadas pela manhã. Que desculpasse se não havia sido correctamente informada. Que desculpasse. E a pessoa que assim falava iria comunicar a alguém, por certo rente aos Fados, para que houvesse uma atenção particular em matéria de contas finais. Uma sucessão de mentiras, uma cadeia de falsidades. Sentia-me revoltada. Mas o teatro ensina o que não ensina a vida. Quando uma pessoa no teatro é assaltada por uma pequena contrariedade, sabe que antes de agir deve pensar com vantagem no estado do seu país. Se a contrariedade é de dimensão média, deve considerar o penoso percurso da Humanidade. Se vem ao nosso encontro alguma coisa que se assemelhe a uma catástrofe, então faz bem pensar na poeira das Estrelas. Naquela situação, pensar no estado da nação, chegava-me. Desliguei o telefone, respirei fundo, massajei o occipital. Estava decidida — Pegaria nos meus haveres e iria viver para as traseiras do meu bangaló. Eu mesma empurraria a cadeira de plástico, levaria a cama de rede, o guarda-sol em seu poito, faria aí a minha vida inteira. Afinal o que eu pretendia era apenas perder dez quilos no corpo, cinco papos no rosto, descontar vinte anos na alma e memorizar

quarenta páginas de réplicas solitárias que eu havia agarrado com ambas as mãos, para continuar a ser única.

Além disso, ao longo de vinte e cinco anos de entrega total ao teatro, acaso o meu maior treino não havia consistido precisamente em transformar pessoas em coisas invisíveis, ou quando muito em sombras vagas, que deveriam permanecer imóveis até ao momento em que eu mesma me decidia despertá-las? Agir como se não estivessem lá, fazendo por que sucumbissem quando eu quisesse e só acordassem quando eu desejasse? Que só estivessem vivas, activas e estimuladas, quando eu dissesse — *Por favor, comovam-se comigo, sintam como eu respiro...* Acaso um espectador não era isso mesmo? Ao longo do tempo havia-me treinado para essa refrega, de propósito para esse combate, tinha eu forrado de ardósia os lugares mais vulneráveis do coração. Treino de muitos anos. E no entanto, naquele momento, como se fosse uma caloira na vida, ali estava eu revoltada, apenas por se encontrarem quatro viaturas de traseiras apontadas na direcção duma casota que me fora alugada por uns quantos dias. Grande exagero. Ainda por cima, até àquele momento, nem dera por sombra de gente. De noite, não tinha havido o menor ruído. Dentro do sono da manhã, só aquelas batidas de portas, demasiado nítidas, demasiado próximas, como costuma acontecer no meio dos sonos mortais. Mas no dia seguinte foi diferente — Abri a janela e pude verificar que os bangalós fronteiriços estavam ocupados por uma colónia de homens.

Sob o efeito dessa surpresa, naturalmente que eu não iria falar ao viajante em trânsito, quando o nosso encontro tivesse início. Tratava-se duma colónia de homens. Ponto final.

Pois aquela era a Falésia Roca, aquele era o Oceano Atlântico, manso como um cordeiro, marés serenas, marés mortas, temperatura moderada, atmosfera luminosa, uma moldura de erva rente aos pés. Perfeito, perfeito. De facto, uma colónia de homens tinha descido junto do meu bangaló. Não poderia ser melhor, como alternativa ao silêncio. E seria uma colónia de quantos homens? — Começava a pensar.

À primeira vista, parecia ser uma colónia de seis ou sete, mas não conseguia precisar, porque nem todos se encontravam no exterior para poder contá-los. Para lá dos vidros o movimento era impreciso, e cá fora, naquela manhã, encontravam-se apenas cinco, exactamente cinco homens, parados. Dois deles estavam de costas, sentados sobre as tábuas da sebe, um outro permanecia em pé, a um canto da relva, parecendo examinar alguma coisa próxima, e dois outros mantinham-se encostados a uma das portas. O espaço era tão exíguo que não permitia perspectiva. Eu tinha a ideia de que os homens imóveis faziam parte dum museu de cera, que tivessem voado para ali para se derreterem ao sol do equinócio. Mas nesse momento, dois outros — e ao todo perfaziam sete, sete homens saíram de dentro de um daqueles bangalós, transportando uma mesa do interior para o meio dos quadradinhos de relva, e ainda não estava pousada, já um outro, o oitavo, começava a transportar cadeiras que colocava em volta. Um outro ainda, o nono, provindo da habitação contígua, apontou o braço na direcção da mesa e começou a falar. Não se ouvia. Três deles voltaram para dentro, e regressaram com uma segunda mesa que uniram à primeira. Outros traziam pratos nos braços. Eram onze e meia da manhã. O grupo preparava o seu *brunch* ao ar livre, na atmosfera de Março.

Mas era difícil explicar. Havia alguma coisa ao mesmo tempo de surpreendente e auspicioso naquela descoberta. O processo de crispação contra as presenças abstractas que havia acalentado durante o dia anterior, de súbito começava a desfazer-se, a aversão a desenrolar o seu fio, a alma a ficar sentada. Gosto de homens, pela sua dissemelhança, e essa é uma labuta infundável. Aquela colónia de homens, contudo, permitir-me-ia desfrutar da sua proximidade e ao mesmo tempo praticar com toda a justiça o meu direito a ser invisível. Considerando que éramos partes distintas, seria bom para ambas as partes. Fiz vários cálculos mentais. Eles não estavam interessados em mim, eu não estava interessada neles, enquanto eles ali estivessem e eu ali estivesse, haveria um pacto estabelecido entre nós. Éramos de espécies diferentes e não complementares, não nos iríamos tão-pouco falar. Não precisávamos. Conhecia esse companheirismo cómodo, a partir do teatro, como tudo na minha vida. Com Martim, por exemplo, contracenávamos, chegávamos a estreitar-nos em cena, mais do que necessário, mas ainda mesmo quando nos beijávamos espontaneamente no palco, na hora do agradecimento, por entusiasmo, cumplicidade, amizade, amor até, era como se beijássemos no outro, o sal ou o papel. O meu coração não estremecia, o meu útero ficava imóvel como se fosse uma placa de esmalte, a minha alma apenas agradecia nele a parte da vida que sobeja do género, a vida do grande neutro que há na luz ou na pedra. Outro tanto sucederia com ele. E agora, para meu descanso, ali estava uma colónia de homens. Um alívio semelhante a um grande banho depois da corrida pousava-me na pele, enquanto olhava através das palhetas do estore. Pois ali estavam eles, atrás das janelas, saindo pelas portas, voltando a entrar. Nove

homens, dez homens. Dez, um deles agora atravessava o cantinho de relva a coxear, e não usava canadiana, usava bengala. Agora mesmo escarafunchava na relva com a ponta da bengala. Sentavam-se, levantavam-se, tomavam o seu *brunch* alongado, parecendo dispor de todo o tempo da vida. Um outro, corpulento, fazia face ao sol com um chapéu de tela. Estavam de costas viradas para o meu bangaló. Eles lá, eu deste lado, era como se tivéssemos falado há muitos anos atrás e assinado um pacto. Essa descoberta fazia com que afinal eu já não precisasse de viver nas traseiras da minha habitação como havia projectado. Peguei nos meus haveres, incluindo a cadeira de plástico e a cama de rede e fui colocá-las em frente, viradas para sul, onde o sol ainda baixo me dava o dia todo na cara. Seríamos vizinhos insensíveis e inalcançáveis, eles não olhariam para mim, eu não olharia para eles, a cada um seu horizonte próprio, a cada um o seu canto perfeito sobre a Falésia Roca.

Mas por vezes eu olhava. Isso eu teria de dizer.

Olhava, não como espia, mas como alguém que não pode deixar de reparar no que se passa à sua frente, de forma inevitável. Os meus olhos ficavam lá presos porque se tratava de uma colónia de pessoas felizes, vivendo em liberdade, um espectáculo extraordinário. No dia seguinte, à mesma hora, já eu tinha a certeza de que a colónia contava para cima de dez elementos, e não pareciam ter vindo ocupar aqueles quatro bangalós para se submeterem a regimes selvagens. A forma como deambulavam permitia-me imaginar que se tratava dum encontro particular, marcado com a devida antecedência, havendo entre todos imenso que dizer, imenso que jogar e discutir. Intelectuais

por certo. Ali mesmo em frente, sentavam-se à volta da mesa improvisada a conversar. E ainda que essa não fosse a minha intenção, individualizava-os.

Como poderia evitar? A realidade entrava pelos olhos — Entre eles havia um homem de fala inglesa, alto e arruinado, um escocês por certo, que se vestia de axadrezados, sempre com um livro debaixo do braço, como se fosse um apêndice do seu colete. E havia pelo menos um belga e um italiano porque me chegava aos ouvidos, quer quisesse quer não, a toada francesa das regiões planas e um *prego, ragazzi*, que sobressaía do sussurro baixo em que todos se comunicavam. Mas eu não seria capaz de atribuir a qual dos meus vizinhos forçados correspondia cada uma das vozes que de vez em quando se demarcavam das demais. E os demais eram portugueses. Era português o franzino, o que tinha o problema na perna, era português o atarracado, o que usava um casaco tirolês verde-garrafa. Era português o homem corpulento, aquele que se vestia de claro, com chapéu de aba de tela, o mais alto, aquele em torno do qual os outros se sentavam.

Ou por outras palavras, era português o passageiro que se encontrava, naquele instante, dormindo a meio do Salão do Ritz, entre um porta-fatos e um malote de cabedal. Mas não importa.

O que então me interessava não era cada um desses meus vizinhos intocáveis, era o grupo. E o grupo, meio sentado meio em pé, em volta da mesa, parecia prolongar um tempo monárquico antigo, que remontasse ao tempo das caçadas do Imperador Francisco José, alguma coisa entre o decadente e o sofisticado que me atingia profundamente. Alguma coisa do tempo vitoriano de

quando havíamos feito *O Leque de Lady Windermere*, ou o tempo austríaco de Arthur Schnitzler, de quando havíamos representado *Os Jornalistas*. Um tempo qualquer de quando as mulheres ainda deixavam crescer o cabelo até às bainhas das saias, e jamais folheavam um livro inteligente, e os homens, enlucados, se matavam uns aos outros, com tiros ao amanhecer. Uma coisa do tempo dos vapores nos mares, dos planadores nos céus, uma abstracção fora da memória das décadas e das guerras mundiais. Um tempo antes do nosso tempo, mas de que a Arte, sobretudo a Arte de Representar, continua povoada, sendo sempre mais fácil conviver com a beleza dos monstros precedentes do que com as nossas próprias faces. Isso pensava eu, diante do meu bangaló, enrolada no fundo da cama de rede, com as primeiras páginas do meu papel entre as mãos. Mas para os homens da colónia, ali a quatro passos, eu não deveria passar de um pacote embrulhado numa cama de rede. Por vezes até se esqueciam por completo da minha pessoa e falavam alto, ou ouviam música sem quaisquer complexos.

Aliás, entre eles deveria haver melómanos. A prova é que logo num desses primeiros dias, quando regressava da corrida da tarde, ao sentar-me sobre a cerca, o homem da bengala berrou contra a música que saía pela janela em volume bastante elevado. Berrou mais alto do que a música — «Parem com isso, parem... Esse tipo conduz Bruckner como se estivesse no deserto e dirigisse uma cáfila...» O homem parecia indignado. Então, o de fala inglesa entrou no bangaló, mudou de gravação e na ondulação do andamento largo, eu reconheci a mão de Celibidache. A certa altura alguém gritou «*Bravo!*» como se ali decorresse um concerto ao vivo. O baixo, de casaco de feltro tirolês, saltou por cima da sebe, e o grande, o grandalhão de

branco, o homem que ali estava no Ritz, deixou o chapéu rebolar na relva. Não soprava um bafo de vento, era como se soprasse. Como se para aquele rumor não existisse outra palavra para além de aragem e ela tivesse origem na respiração dos seres humanos. Enquanto isso, eu tinha diante dos olhos as primeiras réplicas sublinhadas. Aqueles homens eram-me indiferentes, e mesmo assim, o texto que deveria decorar era atravessado por pensamentos indevidos. Imaginava quantos sonhos, quantos artifícios, quantas mentiras teria sido necessário unir para tornar possível aquele encontro ao arrepio das agendas ocidentais. Já mesmo ao cair da noite, saíam. Haviam estacionado as viaturas na parte sul, dois Rovers iguais, ambos verde-escuro, ambos com matrícula estrangeira, e um jipe Pajero cinzento, cor de prata. Ao lado do jipe, poisava uma pequena 4L esbranquiçada, ostensivamente amolgada dum lado. Ao pé das outras viaturas o pequeno Renault produzia um contraste desmedido. Aliás, era esse o único carro que ficava estacionado quando partiam, distribuídos com alvoroço pelos vários assentos. Com as portas ainda abertas, desciam pela falésia e lá iam. Mas para além desse interesse de superfície, eram-me indiferentes, tínhamos combinado a indiferença, séculos antes de termos nascido. Então cerca da meia-noite voltavam, ouvia a sua chegada, a saída dos carros, a entrada nos bangalós, as falas, as vozes abafadas, e de novo as portas, os motores, a música e os *bravos*, tudo isso disperso no interior dos sonos mortais. Acordava sobressaltada.

Ainda seria noite? Já seria manhã? — Por incrível que parecesse, era meio-dia e lá fora não havia música mas havia palmas. Eu não podia deixar de espreitar. Espreitei. A alegre algazarra estabelecia-se na direcção da 4L que acabava de chegar, proveniente da estrada de areia.

Metade da colónia havia rodeado a viatura de onde se apeava em primeiro lugar o homem do casaco de tirolês, e em seguida, do lado do volante, desembaraçando-se da porta amolgada, um rapazinho espigado. A aclamação era feita na direcção deste último, saindo de dentro do carro sob o impacto de pequenas pancadas no cachaço.

«Com que então, com que então...» — Ouvia-se em volta.

O rapaz esquivava-se, saltava, mergulhava de novo no assento do carro, experimentava-o, saía batendo com a porta, parecendo bastante excitado.

«*Bravo!*»

Compreendia-se agora por que razão ao lado de três bombas magníficas topo de gama, pousava na berma da relva aquela espécie de insulto tecnológico. Pois a 4L não só estava amolgada de um lado, como apresentava por todo ele manchas de ferrugem disseminadas ao longo da chapa. Era um carrinho miserável, certamente trazido para ali, de propósito, para treinar o rapaz. — Iriam entrar? Iriam continuar com aquele alarido de *rally* doméstico, os cinco, incluindo o da bengala, à espera do regresso do corredor como se estivessem a viver um Monte Carlo? — Eu descia, fazia uma longa marcha ao longo da praia ou sob os pinheiros, regressava e ainda o grupo lá estava. Lá estava o homem grande, com o peito saliente, o chapéu de tela na cabeça. Ele e os seus companheiros, encostados à sebe, aguardando o regresso do condutor júnior, a 4L ainda a soluçar, no momento em que parqueava. Contra essa imperícia, o homem manco parecia dar indicações preciosas, com movimentos de bengala.

Então pude concluir — «São doze, contando com o rapaz...»